



RUBEM FONSECA

Agosto

Rubem Fonseca

A

AGIR

RUBEM
FONSECA
1990

Rubem Fonseca
AGOSTO



Copyright © 1990 Rubem Fonseca
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998

Coordenação da edição
Sérgio Augusto

Revisão
Joana Milli

Capa
Retina 78

Não foram medidos esforços para localização dos titulares dos direitos usados
nesta obra. Eventuais direitos não obtidos encontram-se devidamente reservados.

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

CIP-BRASIL.CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

F747a

4.ed.

Fonseca, Rubem, 1925-

Agosto/Rubem Fonseca. - 4.ed. - Rio de Janeiro : Agir, 2010.

ISBN 978-85-220-1068-4

1. Brasil – História – Crise de 1954 – Ficção. 2. Romance brasileiro. I.
Título.

09-6379

CDD 869.93

CDU

821.134.3(81)-

Todos os direitos reservados à
AGIR EDITORA LTDA.– uma empresa Ediouro Publicações
Rua Nova Jerusalém, 345 – CEP 21042-235 – Bonsucesso – Rio de Janeiro – RJ
tel.: (21)3882-8200 fax: 3882-8212/8313

Finora abbiamo parlato di un paradigma indiziario (e suoi sinonimi) in senso lato. È venuto il momento di disarticolarlo. Un conto è analizzare orme, astri, feci (ferine o umane), catarri, cornee, pulsazioni, campi di neve o ceneri di sigaretta; un altro è analizzare scritte o dipinti o discorsi. La distinzione tra natura (inanimata o vivente) e cultura è fondamentale — certo più di quella, infinitamente più superficiale e mutevole, tra le singole discipline.

[CARLO GINZBURG,
Miti emblematici: morfologia e storia]

History, Stephen said, is a nightmare
from which I am trying to awake.
[JAMES JOYCE, Ulysses]

O porteiro da noite do edifício Deauville ouviu o ruído dos passos furtivos descendo as escadas. Era uma hora da madrugada e o prédio estava em silêncio.

“Então, Raimundo?”

“Vamos esperar um pouco”, respondeu o porteiro.

“Não vai chegar mais ninguém. Já está todo mundo dormindo.”

“Mais uma hora.”

“Amanhã tenho que acordar cedo.”

O porteiro foi até a porta de vidro e olhou a rua vazia e silenciosa.

“Está bem. Mas não posso demorar muito.”

No oitavo andar.

A morte se consumou numa descarga de gozo e de alívio, expelindo resíduos excrementícios e glandulares — esperma, saliva, urina, fezes. Afastou-se, com asco, do corpo sem vida sobre a cama ao sentir seu próprio corpo poluído pelas imundícies expulsas da carne agônica do outro.

Foi ao banheiro e lavou-se com cuidado sob o chuveiro do box. Uma dentada no seu peito sangrava um pouco. No armário da parede havia iodo e algodão, que serviram para um curativo rápido.

Apanhou sua roupa sobre a cadeira e vestiu-se, sem olhar para o morto, ainda que tivesse a aguda consciência da presença do mesmo sobre a cama.

Não havia ninguém na portaria quando saiu.

O homem conhecido pelos seus inimigos como Anjo Negro entrou no pequeno elevador, que ocupou por inteiro com seu corpo volumoso, e saltou no terceiro pavimento do Palácio do Catete. Andou cerca de dez passos no corredor em penumbra e parou em frente a uma porta. Dentro, no modesto quarto, vestido com um pijama de listas, sentado na cama com os ombros curvados, os pés a alguns centímetros do assoalho, estava o homem que ele protegia, um velho insone, pensativo, alquebrado, de nome Getúlio Vargas.

O Anjo Negro, depois de tentar ouvir se algum ruído vinha de dentro do quarto, recuou, apoiando as costas numa das colunas coríntias simetricamente dispostas na balaustrada tetragonal de ferro que cercava o vão central do hall do palácio, àquela hora silencioso e escuro. Deve estar dormindo, pensou.

Depois de certificar-se que não havia anormalidades no andar residencial do palácio, Gregório Fortunato, o Anjo Negro, chefe da guarda pessoal do presidente Getúlio Vargas, desceu as escadas em direção ao gabinete da assessoria militar, no térreo, verificando, no caminho, se os guardas mantinham-se nos seus postos, se o Palácio das Águias estava em paz.

O major Dornelles conversava com outro assessor, o major Fitipaldi, quando Gregório entrou no gabinete.

O chefe da guarda pessoal, depois de examinar com os dois assessores militares o plano que a segurança adotaria na ida do presidente ao Jockey Club no domingo, dia do Grande Prêmio Brasil, foi para seu quarto.

Tirou o revólver e o punhal que sempre carregava, colocou-os sobre a mesinha e sentou-se na cama, onde havia vários jornais espalhados.

Leu as manchetes, apreensivo. Aquele ano começara mal. Logo em fevereiro, oitenta e dois coronéis, apoiados pelo então ministro da Guerra, general Ciro do Espírito Santo Cardoso, haviam divulgado um manifesto golpista e reacionário criticando as greves dos trabalhadores e falando arditosamente no custo de vida. O presidente demitira o ministro traidor, sem ter outro general de confiança para colocar no seu lugar. Gregório sabia que o presidente não acreditava na lealdade de mais ninguém das Forças Armadas desde que o general Cordeiro de Farias, que sempre comera pela mão dele como um cachorrinho, o apunhalara pelas costas em 1945. Mas acabara tendo de colocar no Ministério da Guerra um homem em quem também não confiava, o general Zenóbio da Costa, aceito sem restrições pelos militares por ter sido um dos comandantes da Força Expedicionária Brasileira que lutara ao lado dos americanos na guerra. Para apaziguar os milicos fora obrigado a exonerar do Ministério do Trabalho seu amigo Jango Goulart. Isso tudo acontecera antes que fevereiro acabasse. Sim, fora um mau começo de ano, pensou Gregório. Em maio os golpistas haviam tentado o impeachment do presidente e o traidor João Neves ajudara a difundir falsidades sobre um acordo secreto entre Perón e Getúlio. Gregório não se esquecia do que João Neves lhe dissera, ainda ministro das Relações Exteriores: “Não meta o nariz aonde não é chamado, seu negro sujo”, tudo porque ele, Gregório, tentara estabelecer um contato direto entre o presidente e o emissário do presidente Perón da Argentina. Ainda em maio, o enterro de um jornalista, morto a socos por um policial conhecido como Coice de Mula, fora usado como pretexto para uma passeata contra o governo pelos seguidores fanáticos do Corvo, os lanterneiros, um bando de golpistas que se reuniam no chamado Clube da Lanterna, apoiados pelas mal-amadas, uma associação de donas de casa históricas. Em julho, a canalha udenista, sempre com propósitos golpistas, inventara uma conspiração comunista. Por trás de tudo avultava a figura sinistra do Corvo.

Sobre a cama estava um exemplar de *Ultima Hora*, o único jornal importante que defendia o presidente. Na primeira página, uma caricatura de Carlos Lacerda. O artista, acentuando os óculos de aros escuros e o nariz aquilino do jornalista, desenhara um corvo sinistro trepado num poleiro. O Anjo Negro levantou o braço e cravou com força o punhal no desenho. A lâmina varou o jornal e os lençóis, perfurou o colchão, emitindo um som arrepiante ao raspar em uma das molas de aço.

Gregório colocou o revólver de volta no coldre da cintura e o punhal na bainha de couro. Vestiu o paletó e saiu do seu quarto.

Ao amanhecer daquele dia 10 de agosto de 1954, o comissário de polícia Alberto Mattos, cansado e com dor de estômago, colocou dois comprimidos de antiácido na boca. Enquanto mastigava os comprimidos, folheou o livro de direito civil que estava sobre a mesa. Sempre fora péssimo aluno de direito civil na faculdade. Tinha que estudar muito aquela matéria se quisesse passar no concurso para juiz em novembro. Ligou o radinho que sempre tinha ao seu lado. Girou o seletor e parou ao ouvir uma voz dizendo: “A televisão foi-me negada pelo senhor Assis Chateaubriand, a quem hoje o governo se alia com a mesma desenvoltura e cinismo com que ontem mandava insultá-lo como traidor da pátria”.

Bateram na porta.

“Entra”, disse o comissário.

O investigador Rosalvo, que trabalhava nos plantões com Mattos, entrou no gabinete. O comissário acreditava que Rosalvo não recebia suborno dos bicheiros nem dos espanhóis que exploravam o lenocínio. Na verdade, porém, Rosalvo era um come-quieto, na gíria policial um tira que se corrompia de maneira dissimulada, sem os colegas saberem.

“Ouvindo o Lacerda, doutor? O mar de lama cada vez aumenta mais. Viu a palavra que o homem inventou? Kakistocracia — governo pelos piores elementos da sociedade. Os kakistocratas vão perder as eleições. Sarazate vai se eleger no Ceará, Meneghetti no Rio Grande do Sul, Pereira Pinto no Rio, Cordeiro de Farias em Pernambuco. O povo não confia mais em Getúlio. O senhor viu o esquema que o Etelvino armou para as eleições presidenciais? Uma chapa Juarez-Juscelino, uma barbada.”

“O que você quer?”

“Chegou o café dos presos”, disse Rosalvo, “o senhor pediu para avisar.”

No xadrez, em duas celas com capacidade prevista para oito presos, havia trinta homens. As celas de todas as delegacias da cidade estavam com excesso de presos aguardando vagas nos presídios, uns à disposição da Justiça esperando julgamento, outros já condenados.

Mattos considerava aquela situação ilegal e imoral e tentara fazer um movimento grevista no Departamento Federal de Segurança Pública: os policiais parariam de trabalhar até que todos esses presos fossem transferidos para penitenciárias. O comissário não conseguira apoio dos colegas. As penitenciárias também estavam lotadas, e a greve proposta por Mattos não teria nenhuma consequência prática, causaria apenas uma repercussão negativa. Mattos afirmava que era esse o objetivo preliminar da greve, chamar a atenção da opinião pública e forçar as autoridades a procurar uma solução para o problema. “Uma utopia desvairada”, dissera o comissário Pádua, “você errou de profissão.”

Os assessores jurídicos do DFSP haviam recebido ordens para encontrar uma maneira legal de exonerar Mattos, mas o máximo que conseguiram foi suspendê-lo por trinta dias. O delegado Ramos, titular do distrito onde Mattos trabalhava, evitara, através de suas amigas na Chefatura, que ele fosse

transferido para o distrito de Brás de Pina, como os corruptos do gabinete queriam, com o objetivo de puni-lo. Esse distrito, além de distante, tinha instalações precárias e apresentava o maior índice de ocorrências policiais, logo abaixo do 2º Distrito, de Copacabana.

Mas Ramos não queria proteger o comissário; o delegado usava o nome de Mattos para ameaçar os banqueiros. Certa ocasião Rosalvo, o investigador, surpreendera Ramos dizendo intimidativamente a um banqueiro do bicho: “Eu mando o comissário Alberto Mattos fechar todos os seus pontos, ouviu?!”. Rosalvo quando o banqueiro se retirou dissera para o delegado: “O doutor Alberto Mattos mata o senhor se descobrir que está usando o nome dele”. Ramos ficou pálido. “Como é que ele pode saber? Os bicheiros não são malucos de contar. Só se for você.” Rosalvo respondera: “Eu? Doutor, macaco inteligente não mete a mão em cumbuca”.

Toda delegacia tinha um tira que recebia dinheiro dos bicheiros da jurisdição para distribuir com os colegas. Esse policial era conhecido como “apanhador”. O dinheiro dos bicheiros — o levado — variava de acordo com o movimento dos pontos e a ganância do delegado. Rosalvo, como um bom come-quieto, não entrava no rateio do levado pois recebia por fora diretamente dos bicheiros; estes queriam ter as boas graças do assistente do comissário Mattos; a honestidade do comissário era considerada pelos contraventores como uma ameaçadora manifestação de orgulho e demência.

Policiais lotados no gabinete do chefe de polícia também participavam desse conchavo venal. Periodicamente, algum centro de apuração do jogo, conhecido como “fortaleza”, era invadido pela polícia, provocando sempre a mesma manchete: POLÍCIA ESTOURA FORTALEZA DO BICHO. Era uma forma de satisfazer os escrúpulos de alguns raros segmentos da opinião pública; a maioria da população praticava ostensivamente essa modalidade de contravenção. Jornalistas, juizes, funcionários graduados do Ministério da Justiça, de cuja estrutura o Departamento Federal de Segurança Pública fazia parte, também eram subornados pelos banqueiros. A Delegacia Especializada de Costumes, que tinha como uma de suas principais finalidades a repressão ao jogo proibido, era a que mais suborno recebia.

Na madrugada desse 1º de agosto, Zaratini, o mordomo do palácio, que costumava acordar cedo, ao abrir uma das janelas que dava para o jardim viu Gregório sentado num banco, perto do pequeno chafariz de mármore. O chefe da guarda, ao ouvir o barulho da janela sendo aberta, olhou para cima e viu o mordomo. Sem responder ao cumprimento que Zaratini lhe fez com a cabeça, Gregório levantouse e caminhou em direção ao prédio do alojamento da guarda pessoal, anexo ao palácio. Eram cinco da manhã.

Gregório bateu na porta do quarto onde dormia o cozinheiro Manuel. Com cara de sono Manuel abriu a porta.

“Me prepara um chimarrão bem quente.”

Gregório sentou-se a uma mesa no refeitório vazio. Manuel trouxe o chimarrão. Nesse instante chegou Climério Euribes de Almeida, integrante da guarda pessoal do presidente e compadre de Gregório. Saíra de sua casa, num subúrbio distante, ainda de madrugada para poder chegar na hora.

“Alguma ordem, chefe?”

“Venha para minha sala”, disse Gregório, ao perceber a proximidade de Manuel, que arrumava uma mesa ao lado. Não queria conversar aquele assunto na presença de outros, o lacerdismo era como uma doença contagiosa, pior do que sífilis ou gonorreia, ele não se surpreenderia se houvesse alguém infectado na guarda.

A sós na sala de Gregório, com a porta trancada:

“Que diabo? Onde está o tal homem de confiança? Devíamos fazer o serviço em julho e já estamos em agosto.”

Gregório estava cansado de esperar que alguma vítima das calúnias do Corvo fizesse alguma coisa. Diziam-se todos amigos do presidente, mas além de xingar o Corvo num falatório estéril, o máximo que faziam era uma bobagem como a do filho do Oswaldo Aranha, que com uma arma na mão dera apenas um soco na cara do difamador; podendo matar o Corvo contentara-se em quebrar-lhe os olhos. Nenhum deles queria sacrificar a vidinha confortável que levavam à custa do presidente, bebendo uísque nas boates e andando com as putas. Daqueles chaleiras covardes não se podia mesmo esperar grande coisa. Todos haviam enriquecido no governo, mas poucos eram gratos ao presidente.

Climério, nervoso: “Deixa comigo, chefe”.

Na verdade, Climério não tinha homem nenhum de confiança para fazer o trabalho. O chefe não queria que fosse alguém ligado ao palácio e muito menos da guarda pessoal, e a única pessoa que encontrara, um sujeito chamado Alcino, um carpinteiro desempregado, amigo do alcaguete Soares, não era, certamente, uma pessoa qualificada. Alguns dias atrás, Climério fora com Soares e Alcino a um comício do Corvo em Barra Mansa. O carro de Soares onde viajavam quebrara e eles chegaram atrasados ao comício. “O homem é esse aí”, dissera Climério, mostrando Lacerda que discursava. Alcino hesitara ao ver que Lacerda não era um pilantra igual a Naval, um sujeito que Soares lhe pedira para matar por desconfiar que era amante de sua mulher Nelly. Naval estava parado na estação da Pavuna; Alcino atirou e matou um desconhecido que estava próximo de Naval, que não foi atingido. Climério estava convicto de que Alcino não servia para aquela empreitada, mas, para não perder a confiança do chefe, ao voltar para o Rio não lhe relatou o fiasco de Barra Mansa. Conquistara a confiança de Gregório quando lhe dissera os nomes dos capangas de Lacerda, todos, ou quase todos, majores da Aeronáutica: Fontenelle, Borges, Del Tedesco, Vaz. Havia também um tal de Carrera, que Climério acreditava ser do Exército, e um Balthazar, da Marinha. Eram lacerdistas doentes e portavam armas de grosso calibre. Então o Anjo Negro dissera que se os capangas do Corvo usavam 45 o homem escolhido por ele, Climério, teria que fazer o mesmo. “Chefe, não se preocupe. Deixa comigo”, respondera Climério.

Agora, passando os dedos nas marcas de varíola do rosto, o que sempre fazia

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

